

# Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

A ausência da utopia desequilibra  
profundamente a lógica social [The absence  
of utopia deeply unbalances social logic]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.  
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy  
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Dupas, Gilberto
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-06-28 06:38:51
Link to Item	<a href="http://hdl.handle.net/20.500.12424/162954">http://hdl.handle.net/20.500.12424/162954</a>

## “A AUSÊNCIA DA UTOPIA DESEQUILIBRA PROFUNDAMENTE A LÓGICA SOCIAL”

### Entrevista com Gilberto Dupas

*Gilberto Dupas é o coordenador geral do Grupo de Conjuntura Internacional (Gacint) da Universidade de São Paulo (USP), presidente do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais (IEEI). É membro da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (CONAES) do Ministério da Educação e Cultura do Brasil, do Conselho Superior de Economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo e co-editor da **Revista Política Externa**. Foi membro do Conselho Deliberativo do Instituto de Estudos Avançados da USP e do Conselho do Centro Brasileiro de Planejamento (CEBRAP), professor de várias universidades brasileiras nas áreas de Política Econômica e Planejamento Estratégico, membro do Conselho Diretor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e de seu Comitê de Planejamento Estratégico e professor no European Institute of Business Administration - Insead (França). Foi secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo e presidente da Caixa Econômica do mesmo estado. Foi, também, presidente e conselheiro de fundações, empresas públicas e privadas. É autor de vários livros nas áreas de Economia, Globalização e Desenvolvimento, entre eles: **Economia Global e Exclusão Social**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. **Ética e Poder na Sociedade da Informação**. São Paulo: Unesp, 2000. **Hegemonia, Estado e Governabilidade**. São Paulo: Ed. Senac, 2002. **Tensões Contemporâneas entre o Público e o Privado**. São Paulo: Paz & Terra, 2003. **Renda, Consumo e Crescimento**. São Paulo: PubliFolha, 2004 e **Atores e Poderes na Nova Ordem Global**. São Paulo: Unesp, 2005. Foi autor, por solicitação do Ministério das Relações Exteriores do Brasil do documento *A nova lógica global e o impasse da América Latina*, que serviu de referência para o Grupo de Reflexão de Alto Nível encarregado pelo G-20 de preparar as recomendações ao Encontro dos Presidentes da América Latina em outubro de 2004. Ele foi entrevistado, por telefone, pelo **IHU On-Line**.*

#### **IHU On-Line – Quais são os principais desafios para conseguirmos viver em uma “terra habitável”?**

**Gilberto Dupas** – A questão central que hoje atinge a sociedade global é que os rumos do avanço tecnológico desencadearam uma corrida autônoma da tecnologia. Ela, que teoricamente deveria estar a serviço do homem, em última análise está a serviço de si mesma, ou melhor, a serviço da lógica das grandes corporações. A consequência disso é que as decisões de natureza tecnológica que levam a criação ou a definição de produtos de processos de produção, por exemplo, levam em consideração unicamente o custo dos fatores de produção e a forma de maximizar as margens de lucro do capital. A consequência disso é que nós assistimos a avanços tecnológicos fantásticos mas, ao mesmo tempo, um crescimento imenso da poluição ambiental, da destruição do meio ambiente, da pobreza e da concentração de renda, tornando a atmosfera do mundo irrespirável nos grandes centros, causando o aquecimento global, colocando uma interrogação muito grande, que nos faz ressuscitar alguns princípios de Kant<sup>1</sup>, agora reelaborados por Hans Jonas<sup>2</sup>, a respeito do compromisso moral que a atual geração tem de garantir que a terra seja habitável no futuro. Não se fala mais de avanço, fala-se em garantias mínimas de que as outras gerações continuem tendo a chance de existir em um mundo habitável. Este rebaixamento de operações globais acontece simultaneamente a uma imensa sofisticação dos produtos e das tecnologias que, se de um lado faz o homem ser capaz de cruzar o espaço e de incorporar em um *chip* uma capacidade de

<sup>1</sup> Emmanuel Kant (1724-1804), filósofo alemão, em geral considerado o pensador mais influente dos tempos modernos. Ao referido filósofo **IHU On-Line** dedicou sua 93ª edição, de 22-03-2004. Também sobre Kant será a 2ª edição de **Cadernos IHU em formação**, cujo lançamento ocorrerá ainda neste mês (Nota do **IHU On-Line**).

<sup>2</sup> Hans Jonas (1902-1993), filósofo alemão, naturalizado norte-americano. Foi um dos primeiros pensadores a refletir sobre as novas abordagens éticas do progresso tecnocientífico (Nota do **IHU On-Line**).

memória inigualável, do outro lado, ameaça e coloca em questão a própria sobrevivência da espécie humana.

**Bem comum é estarmos todos conectados pelo celular. É uma questão de natureza puramente corporativa**

***IHU On-Line* - Esse rebaixamento das aspirações nos deixa muito distante da utopia de um bem comum mundial?**

**Gilberto Dupas** – Na realidade, a estrutura das lógicas públicas sempre se desenvolveu, durante vários séculos, a partir do pressuposto de que o bem comum significava a aspiração de uma melhora para todos, e daí vinham os conceitos incorporados nas cartas constitucionais de vários dos estados ocidentais, para os quais a responsabilidade dos governos, por exemplo, seria a de atingir o pleno emprego. Hoje valores humanos, tais como renda, emprego, saúde, etc. estão em segundo nível. A discussão global se dá sobre a taxa de juros, a desvalorização do dólar, o déficit americano... A discussão de caráter econômico e microeconômico dominou o mundo. A própria Europa, poderá ter seus padrões rebaixados, se continuar pagando ao trabalhador europeu as aposentadorias pactuadas e mantendo o nível de reciprocidade social que o Estado garante, o que a torna não-competitiva. Então o único caminho que sobra para a Europa é fazer dos países do Leste uma espécie de China européia, o que lhe permitirá fabricar peças e componentes mais baratos, empregando os trabalhadores daqueles países enquanto utiliza este instrumento para fazer pressão sobre os trabalhadores do Oeste, diminuindo as suas conquistas sociais. Na realidade, o chamado bem comum foi transformado num parâmetro comercial. Bem comum é estarmos todos conectados pelo celular, ou é uma questão de natureza puramente corporativa. Ou, então, será uma exigência para este novo tipo de “bem comum” que todos tenham uma tela de plasma para não serem infelizes. Entretanto, se analisarmos, de maneira rigorosa e crítica, veremos que a tela de plasma nada mais é do que uma tela comum de televisão com menos profundidade e que custa aproximadamente quinze vezes mais e que é preciso ser produzida, porque ela força a obsolescência rápida do produto anterior e mantém a lógica capitalista em funcionamento. Então, o conceito de bem comum mudou. Não se fala mais na preocupação com o bem comum como um compromisso global e concreto de diminuição da miséria, da pobreza ou, por exemplo, de diminuição da poluição ambiental. Estas questões são mencionadas enquanto se enfoca o princípio da lógica do mercado, da lógica do sistema como sendo o princípio universal. Portanto, teoricamente, aquilo que se chama de bem comum, o bem comum sendo um conceito fundamentalmente público, ele foi substituído por um conceito privado. O bem comum hoje quase significa o bem das grandes corporações.

***IHU On-Line* - Mas o mundo não foi sempre uma grande corporação, e esses conceitos não estiveram sempre em conflito?**

**Gilberto Dupas** – Eu diria que, pelo menos na retórica, as coisas mudaram, pelo menos em relação às retóricas que vigoravam durante o século passado e o século retrasado. Elas incorporavam o conceito de bem comum de maneira bastante evidente enquanto as retóricas atuais substituíram, de certa forma, o conceito de bem comum pelo conceito de supremacia do mercado. Presumiu-se que, com esta premissa, se conseguiria atingir um bem comum. Quando, durante a década de 1980, se propagavam, com grande ênfase, as teses neoliberais a respeito do mercado, um pouquinho antes da queda do muro de Berlim, um intelectual de

importância e de qualidade como Peter Drucker<sup>3</sup>, nos Estados Unidos, enunciava que os Estados poderiam se retirar, porque não haveria mais necessidade deles. O bem comum seria defendido pelas corporações mundiais e como a elas interessava trabalhadores, bem pagos, bem nutridos, bem dormidos, bem morados, etc., as grandes corporações se encarregariam de providenciar a casa dos seus empregados, uma renda adequada, os seus planos de saúde, etc. Quanto aos Estados, dizia Peter Drucker, eram intrinsecamente desnecessários, seria melhor que se afastassem totalmente, porque eles passavam a ser inúteis. Essa era uma utopia que recolocava o bem comum numa dimensão nova. Vigorou intensamente durante vinte anos e agora está em cheque porque não deu os resultados esperados.

**IHU On-Line – O neoliberalismo continua atribuindo tarefas mínimas ao Estado, mas os movimentos sociais também refutam determinadas estruturas estatais. Nesse cenário, quais passam a ser as responsabilidades do Estado?**

**Gilberto Dupas** – Nós temos um fenômeno importante que é o seguinte: o capitalismo global destes últimos trinta anos reposicionou a força dos atores globais. O ator global, o representante da grande corporação, passou a ter uma importância muito maior. Há corporações mundiais com um faturamento semelhante ao PIB brasileiro. Ao mesmo tempo, se o capitalismo das décadas de 1950 e 1960 nos EUA foi capaz de gerar uma pungente classe média, produzida pela lógica fordista, uma classe média bem remunerada, daqueles subúrbios prósperos americanos que garantiam a estrutura alta de consumo, hoje o símbolo do capitalismo global não é mais a GM ou a Ford que, aliás, estão em profunda decadência. Hoje o símbolo é a Wal-Mart, que é a maior empresa do mundo atual e que fatura praticamente metade do PIB brasileiro. Tem 200 e tantos mil empregados. O salário anual médio desses empregados é de 19 mil dólares enquanto a linha de pobreza, naquele país, é de 18 mil dólares. Então, temos essas mudanças associadas a trabalhadores muito mal remunerados, enquanto se desenvolve uma altíssima tecnologia. Basicamente as grandes corporações evoluíram, têm poder imenso e definem os paradigmas dos novos mercados de trabalho. Definem onde se vai produzir, o que se vai produzir, como se vai produzir, etc. Por outro lado, os Estados nacionais entraram em crise, porque foram a eles determinados orçamentos inflexíveis, que os impedem de adotar práticas keynesianas que vigoraram durante, praticamente, toda a metade do século passado e que atenuaram os componentes mais duros do capitalismo. Hoje, estes estados não podem fazer isso, porque estão comprometidos com um orçamento muito rígido. Basicamente, os governos de todos os países do mundo estão, rigidamente, amarrados a algumas normas internacionais, regidas fundamentalmente pelo Fundo Monetário Internacional, que parte da idéia de que é preciso operar com o superávit fiscal ou, no mínimo, com o equilíbrio fiscal. A maioria destes estados pobres, ou dos chamados países da periferia, tem demandas sociais tão intensas que se eles fossem atendê-las minimamente operariam no prejuízo. Eles são obrigados, evidentemente, a restringir os programas de saúde, de educação, de investimentos, etc., a níveis compatíveis com a arrecadação. Isso é muito complicado no caso do Brasil, por exemplo, quando o nível interno das taxas de juros é tal que o governo gasta uma parte importante da arrecadação apenas para pagar os juros da dívida interna. Os estados se enfraqueceram e as demandas sociais decorrentes do aumento da pobreza e da miséria não encontram mais nele um aparato que tenha o mínimo de eficiência para atendê-las. É o que a gente vê claramente em países como o Brasil. A sociedade civil ficou órfã desse apoio, mesmo que fosse paternalista, e depois ficou

---

<sup>3</sup> Pensador, teórico e “guru” da área da administração moderna. Nasceu em Viena, em 1909, mas vive nos Estados Unidos há mais de 60 anos. Escreveu mais de 30 livros (Nota do *IHU On-Line*).

órfã da fantasia de que as grandes corporações resolveriam os seus problemas sociais. Nesse período, surgiram movimentos sociais de várias naturezas, que buscaram defender demandas específicas e particulares, pressionando os estados e a sociedade.

### **A somatória da demanda das ONGs não é igual à somatória das necessidades da sociedade**

#### ***IHU On-Line – Nesses movimentos sociais estão inseridas as ONGs...***

**Gilberto Dupas** – Sim. Houve essa reação da sociedade, mas também houve uma reação particularista, a somatória da demanda das ONGs não é igual à somatória da demanda das necessidades de uma sociedade. Então volta a existir a necessidade de arbitragem, alguém que decida quais demandas devem ser atendidas ou não e, portanto, volta a necessidade imperiosa de um estado, de um governo legitimado por uma democracia que seja operante. Por outro lado, este espaço que a sociedade exigiu também se contaminou muito por corporações travestidas de interesse público, mas que, na realidade, abriga interesses privados de corporações, que financiam várias atividades, etc. Fica cada vez mais difícil hoje definir estas áreas, uma vez que toda ONG precisa de recursos financeiros que, muitas vezes, não vêm dos seus próprios sócios, e isso fez com que a sociedade civil se tornasse mais complexa, mais fragmentada em suas demandas, mas nem assim resolveu-se melhor a demanda da sociedade em geral.

#### ***IHU On-Line - Quais são os atores sociais sobre os quais recai a responsabilidade de transformar o mundo em uma “terra habitável”?***

**Gilberto Dupas** – Depende do ponto de vista. Na realidade, os atores sociais, como um todo, são a própria sociedade civil. A sociedade hoje é uma sociedade de um lado fragmentada; de outro lado, uma sociedade em que a concentração de renda avança progressivamente. Portanto, uma sociedade que ao invés de ter classes como Marx as concebeu, passou a ter duas categorias centrais: o chamado incluído e o chamado excluído. E a classe média, que fazia, em última análise, o meio termo e o equilíbrio dessa equação está progressivamente apertada, desaparecendo. Este “colchão” de proteção entre uma classe de excluídos e uma classe de incluídos, na pirâmide de concentração de renda está diminuindo. Isso torna os conflitos muito mais duros por um lado, muito mais sem mediação. Por outro lado, reforça a retórica dos governos. Então o que acontece? Veja-se a atual situação do governo Lula: ele tem um bom discurso externo, um discurso internacional interessante, em que se aproveita do fato de ser visto lá fora como um líder popular que é, que anuncia, que é capaz de conciliar ortodoxia fiscal e monetária com o crescimento econômico e resgate do social, isto é, tudo que os líderes internacionais gostariam de ouvir. Mas, ao mesmo tempo, internamente, o governo Lula tem uma enorme dificuldade na questão social, uma dificuldade de ir além da retórica, porque o orçamento é escasso, porque as dificuldades administrativas são imensas... Então as ações concretas se esvaziam.

#### ***IHU On-Line - Quais são as perspectivas, no Brasil, dessa luta por uma terra habitável? Pode-se dizer que a sociedade brasileira está se apropriando dessa luta, apesar das limitações que o senhor assinala?***

**Gilberto Dupas** – Devemos considerar alguns níveis de abordagem nesta questão. Temos o nível duro da sobrevivência. Aí há uma luta diária pela sobrevivência que significa, em última análise, a invenção do próprio trabalho. Hoje temos basicamente 50% do mercado de trabalho na informalidade em toda a América Latina e uma boa parte desta informalidade é aquele sujeito que inventa o seu próprio trabalho, vende bolinhos na porta da repartição, limpa vidro de

carro, vende chicletes no farol de trânsito. Então este grupo importante da sociedade está tão preocupado com a própria sobrevivência que, dificilmente, tem espaço para refletir sobre a questão da política. Chega em casa tão cansado, exausto mesmo, que, na realidade, se satisfaz e até gosta de mesmo é do “plim-plim” da Globo e trata de dormir um pouco para a labuta do dia seguinte. Este é o grupo daqueles que tentam sobreviver, é um grupo crescente, mas que, em determinados momentos, pode ter ações sociais e políticas relevantes. É o caso do Movimento dos Sem Terra. Na realidade, toda vez que o Presidente Lula põe e tira o bonezinho dos Sem Terra, ele está, em última análise, tentando lidar com um movimento grande, importante, que abrange todos os tipos de excluídos, até oportunistas, mas que permite o mínimo de regularização, permite o mínimo de interlocução com a autoridade estabelecida. Se este movimento não existisse, onde estaria este pessoal? Provavelmente nas ruas ou em atividades criminais. Então eu diria que a organização do Movimento dos Sem Terra é um expediente de natureza institucional que abriga várias categorias do que nós chamamos de excluídos, mas que permite um equilíbrio e um mínimo de institucionalização de demandas que, de outras formas, poderiam estar rodando num sistema marginal ou independente do Estado, como acontece já em vários países da América Latina como a Colômbia. Por outro lado, a consciência sobre os problemas sociais está sempre muito mais ligada à intelectualidade, às classes médias. Elas estão pressionadas e dependem de uma reflexão sobre que alternativa teríamos para este modelo que está aí. Neste momento, esta reflexão é muito difícil, porque o fato concreto é que o capitalismo global definiu as suas regras, que são duras, muitas vezes, são perversas. E temos que jogar nelas pela única razão de que não temos, no momento, uma alternativa disponível, e esta é a grande angústia deste o início de século XXI. A queda do muro foi importante, porque significou o fim do regime que muitos, com muita razão, acusavam de ter se transformado em um regime meramente autoritário. Em compensação, nada ficou no lugar da utopia e tudo virou mercado, e tudo virou a lógica global. A ausência da utopia hoje é uma questão que desequilibra profundamente a lógica social.

#### ***IHU On-Line - Neste mundo corporativo, há um papel social do consumidor?***

**Gilberto Dupas** – Teoricamente sim. Teoricamente o consumidor poderia, um dia, se transformar naquilo que nós chamamos de um consumidor consciente, aquele que, com sua decisão de comprar, poderia transformar a sua ação de compra num veto ou num voto para a política de uma grande corporação. Então seria o consumidor politicamente correto e que poderia, por si só, eventualmente, fazer uma grande revolução, dado que as grandes revoluções necessitam de uma legitimação social, que elas não conseguem dar a si mesmas, porque estas corporações quanto mais se concentram mais são acusadas de agredir o meio ambiente, de diminuir a competição, etc. Por outro lado, este consumidor consciente, ainda está longe de exercer este poder não só na Europa, mas também aqui, porque, em última análise, exercer o poder para consumir um produto politicamente correto pode significar pagar um pouco mais por este produto. Na maioria das vezes, este consumidor, especialmente o das classes baixas, das classes de rendas inferiores, dificilmente poderia comprar um produto um pouco mais caro para agir politicamente correto. Isso é uma limitação. O consumidor consciente poderia ser, no futuro, um fator evidente de importância na luta política e na luta pelos valores sociais, mas por enquanto isso ainda é uma utopia.

[\(Voltar ao índice\)](#)